



ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL: UM GUIA PARA PENSAR GÊNERO

COLETÂNEA MULHERES, AGROFLORESTAS E SEGURANÇA ALIMENTAR



Brasil

ORGANIZAÇÃO:

MÔNICA VILAÇA
THAIS FERREIRA MAIER
FERNANDA SILVA
HUMBERTO PIRES

EQUIPE:

ALESSANDRA SANTOS, ARTUR SOUSA, CAMILA FARIAS, CLARISMAR OLIVEIRA, DARYANE FEITOSA, ERIKSON MOTA, FERNANDA SILVA, GLEDSON SILVA, GUSTAVO REZENDE, HUMBERTO PIRES, IRANY RODRIGUES, JEFFERSON CAMPOS, JESSÉ BEZERRA, KATRINE SANTOS, MARCIO QUEIROZ, MARIA RIBEIRO, MARTIN EWERT, NOEMI SIQUEIRA, PAULA SILVA, PEDRO SILVA, RICARDO ADRIANO DOS SANTOS, ROBERTA SCHARDONG, RODRIGO FREIRE, SABRINA RIBEIRO, SAMUEL TARARAN, THAIS MAIER, TICIANA IMBROISI, WANDREIA BAITZ.

CIÊNCIAS:

BRUNA STEIN CIASCA, CINTIA BALIEIRO, CLÍCIA BARATA, FERNANDO CESÁRIO, GABRIEL MELO, JOSÉ GUILHERME FRONZA, MARIANA SOARES, MATEUS AMORIM, MILENA ROSENFELD, MÔNICA VILAÇA, THACIANE DA SILVA

REVISÃO:
LUIZ RIBEIRO

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
APOENA SOCIOAMBIENTAL
BELÉM/PA, MARÇO DE 2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO -CIP

A848 Assistência técnica rural: um guia para pensar gênero[recurso eletrônico] / organização Mônica Vilaça ... [et al.]; projeto gráfico e diagramação: Apoena Socioambiental. – Porto Alegre: CirKula, 2023.

33 p. : il.– (Coletânea mulheres, agroflorestas e segurança alimentar, v.4)

ISBN: 978-85-7150-034-1

E-book

1. Assistência técnica rural – Brasil. 2. Extensão rural. 3. Participação da mulher. 4. Técnica de assistência rural – Trabalho – Gênero. 5. Trabalho – Mulher – Sistemas agroflorestais – Cartilhas. 6. Projeto Cacau Floresta. I. Vilaça, Mônica. II. Maier, Thais Ferreira. III. Silva, Fernanda. IV. Pires, Humberto. V. Apoena Consultoria e Treinamento Socioambiental Ltda.

CDU: 631.1(81)

Bibliotecária responsável: Jacira Gil Bernardes – CRB 10/463

The Nature Conservancy (TNC) é uma organização global de conservação ambiental dedicada à proteção das terras e águas, das quais toda a vida depende. Guiada pela ciência, a TNC cria soluções locais inovadoras para os principais desafios do mundo, de forma que a natureza e as pessoas possam prosperar juntas. Trabalhando em 76 países, a organização utiliza uma abordagem colaborativa, que envolve comunidades locais, governos, setor privado e a sociedade civil. No Brasil, onde atua há mais de 30 anos, o trabalho da TNC concentra-se em solucionar os complexos desafios de conservação da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica a partir de uma abordagem sistêmica, com foco na implementação e geração de impacto, para mitigar as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.

Saiba mais em: www.tnc.org.br

O **projeto Cacau Floresta** teve início em 2012 no sudeste do Pará, atuando em parceria com empresas privadas e associações locais, incentivando pequenos produtores rurais a recuperarem áreas desmatadas ou improdutivas com o plantio de cacau e outras espécies florestais por meio de sistemas agroflorestais.





SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA	05
2.	A ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL (ATER) NO BRASIL	06
3.	CONSTRUINDO UM OLHAR PARA O GÊNERO	08
	3.1 GÊNERO	09
	3.2 IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXO BIOLÓGICO	10
	3.3 PAPÉIS DE GÊNERO	12
	3.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL	16
4.	MANIFESTAÇÕES DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO: treinando o olhar	18
5.	VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, O QUE FAZER?	22

1. APRESENTAÇÃO DA COLETÂNEA

Temos como ponto de partida da nossa missão: plantar árvores, plantar florestas, proteger a biodiversidade, proteger a vida. Assim, atuamos diretamente na busca por restaurar o mundo e nosso ser-estar no mundo. Restaurar nossa experiência enquanto sociedade com a natureza pede que construamos, a cada dia, outra forma de narrar nossa vida. É preciso que nos vejamos interconectados como parte de uma existência biodiversa, que sejamos um com as plantas, com os animais, com os insetos e com as microscópicas formas de vida presentes em cada conexão em que pulsa a vida.

Assim pensamos que plantar florestas, defender a natureza como condição coletiva de existência, pede um mundo mais complexo, mais repleto de cores, cheiros e sabores. Trabalhamos com essa complexidade nos projetos de Sistemas Agroflorestais (SAFs) de cacau no Sudeste, transamazônica e nordeste do Pará. O cacaueteiro é uma árvore nativa amazônica, intrínca com a experiência indígena, e, em nossa missão de restaurar, tornou-se o centro ou ponto de partida de nosso plano de reflorestamento.

Estamos há 10 anos plantando cacaueteiros, são 2.379,84 hectares de SAFs plantados que, hoje, envolvem 473 propriedades.

Em cada propriedade contamos com a participação das famílias com quem buscamos executar esse plano ambicioso de restauração. São mulheres e homens, de idades diversas, que conosco vêm plantando cacau, plantando florestas. As propriedades rurais são marcadas pelo estabelecimento de atribuições diferentes para homens e mulheres – eles têm ocupado mais os espaços das roças e dos SAFs, enquanto as mulheres têm atuado nos espaços mais próximos às casas, como as hortas e os pomares.

Esta coletânea busca dialogar com as mulheres considerando o papel econômico dos espaços em que atuam, assim como fortalecer sua presença nos espaços de SAFs. São quatro cartilhas, produzidas por muitas mãos, que esperamos que alcancem as mulheres, assim como profissionais e estudantes que atuam diretamente com assistência técnica e extensão rural (Ater).

2. A ASSISTÊNCIA TÉCNICA RURAL [ATER] NO BRASIL

A Assistência Técnica Rural (Ater) tem uma história com origens em torno de 1948, quando da criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (Acar) em Minas Gerais, influenciada pelo modelo estadunidense de difusão de inovações, que compreendia a Ater como uma atividade de compartilhamento de inovações desenvolvidas por pesquisas agrícola e agropecuária. Diversos outros serviços de Ater começaram a se desenvolver nos períodos subsequentes, estabelecendo mercados de financiamentos, insumos e comercialização da agricultura familiar. Em 1975, houve a criação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater), e as organizações estaduais passaram a ser incorporadas por ela e nomeadas Empresas Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).

A Embrater foi extinta em 1989, e quase 30 anos depois, em 2010, aconteceu a estruturação da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural para a Agricultura Familiar e Reforma Agrária (Pnater) e do Programa Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária (Pronater), com o estabelecimento, em 2013, da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater). A assistência técnica rural passou por profundas mudanças: da orientação anterior, difusionista, para uma orientação de elaboração de estratégias e conhecimentos em uma estreita relação de intercâmbio com as famílias.



Um desafio para as técnicas e técnicos de Ater é contribuir com um maior reconhecimento das dinâmicas de gênero nas propriedades. Pensando nas relações entre os diversos membros das famílias, é importante compreender como acontece a participação das mulheres nos trabalhos realizados, enfrentar as violências diversas, assim como fortalecer políticas públicas que contribuam para mais **equidade** de gênero, mais proteção a crianças e adolescentes enfrentando o trabalho escravo. É importante que a ação da Ater possibilite uma agricultura familiar que integre em suas práticas a proteção das florestas, a segurança alimentar e nutricional da família e do território e o bem-estar das famílias no campo.

Durante as visitas técnicas sempre é bom promover a participação da mulher, e de toda família nas trocas das informações. Pois geralmente a mulher fica de fora, oferecendo apenas um cafezinho, mas é papel também do técnico ou técnica mais consciente de envolver mais a mulher no compartilhamento de informações técnicas.



3. CONSTRUINDO UM OLHAR PARA O GÊNERO

Esta cartilha é um guia de orientação para você, técnico e técnica de assistência rural. O objetivo é contribuir para que seu trabalho passe a incluir questões de gênero cotidianamente. Construir esse olhar para o gênero é um processo. É necessário entender que precisamos aprender sempre, buscar compreender melhor as questões que nos cercam e que parecem “naturais”. Assim, a provocação é para estarmos mais atentas e atentos às desigualdades de gênero e a conceitos, valores e práticas que reforçam essas desigualdades.



3.1 GÊNERO

“

Minha definição de gênero tem duas partes e várias subpartes. O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.

”

**Joan Scott, Gênero:
uma categoria útil para a análise histórica.**

A autora Joan Scott enfatiza aqui que gênero, ou seja, as relações sociais que se organizam em torno das diferenças entre os sexos e de suas representações sociais, é uma estrutura social que orienta e organiza a forma como as pessoas constroem e ordenam seu dia a dia. Toda sociedade terá uma forma de organização que se baseia em diferenças e, em sua maioria, utiliza essas diferenças para explicar ou construir desigualdades e assimetrias entre as pessoas.

Uma forma muito comum de percebermos as diferenças de gênero é observarmos a forma como se atribuem características sociais diferentes a identidades de gênero diferentes. Vamos explorar as identidades de gênero, como as desigualdades se reproduzem e apenas provocar nosso olhar para a relação entre gênero e sexualidade, assim como para gênero e raça e classes sociais.



3.2 IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXO BIOLÓGICO

Aqui estamos refletindo sobre o fato de que gênero é uma construção social, mas e nosso corpo? Não aprofundaremos aqui, mas é importante entender que sexo e gênero são distintos e que, mesmo quando olhamos para o corpo como “fixo”, ele sempre foi pensado e influenciado culturalmente. Falaremos um pouco sobre isso mais à frente. Também é necessário perceber que, sendo uma construção cultural, ela varia entre povos indígenas e povos e comunidades nos mais diferentes continentes.

Sexo biológico – Este conceito fala dos corpos, considerando funções. Lendo assim, o que caracteriza certos indivíduos como **fêmeas** é a presença da vulva, clítoris, vagina, útero e ovários, e como **machos** são pênis, próstata e saco escrotal. Também temos corpos com características de ambos os sexos, compreendendo “**peçoas intersexo**”. É necessário lembrar sempre que uma expressão da cultura é que a relação entre desejo e sexualidade não se vincula à reprodução, mas ao prazer.

Identidade de gênero – A identidade de gênero refere-se à forma pela qual uma pessoa se enxerga, como ela se sente quanto ao gênero. É importante lembrar que o espectro do gênero envolve diversas identidades e que estas não surgiram recentemente, mas têm sido reconhecidas na dimensão pública nos últimos tempos. Há uma fala hegemônica nas sociedades que divide as pessoas em homens e mulheres, e, em geral, vemos essas identidades serem questionadas pelas pessoas à medida que crescem. Vamos citar algumas, mas é importante saber que os processos de pesquisa e reconhecimento têm ampliado o espectro de gênero.



Mulher ou homem cisgênero é a pessoa que nasceu e se identifica com o gênero a ela atribuído no nascimento.

Mulher ou homem transgênero é a pessoa que se identifica com o gênero oposto ao que lhe foi atribuído no nascimento. As pessoas transgênero podem ou não fazer operações de redesignação sexual e/ou tomar hormônios. Essa escolha cabe exclusivamente a cada um e não altera em nada sua identidade.

Pessoa não binária é aquela que, independentemente do sexo biológico, não se identifica exclusivamente como homem ou mulher, podendo transitar entre ambos.

Pessoa agênero é aquela que se identifica como sem gênero.

Existem outras identidades de gênero; o que sempre é central lembrar é o direito das pessoas de externarem a forma como se percebem e o respeito com que devem ser acolhidas.



3.3 PAPÉIS DE GÊNERO

Falamos antes que gênero é uma organização em torno da diferença. Para que funcione, ela está sempre presente nas diversas instituições em que somos socializados ou nas quais aprendemos como a sociedade funciona. A família, a escola, a comunicação, a Saúde, a Justiça, todas contribuem para a produção e reprodução de um modelo social.

Os papéis de gênero falam de comportamentos, temperamentos e valores que são atribuídos às pessoas de acordo com a identidade de gênero, seja aquela atribuída em seu nascimento ou aquela com que se identificam durante o crescimento. Importante destacar que comportamentos, temperamentos e valores são construídos socialmente e que os aprendemos durante a socialização.



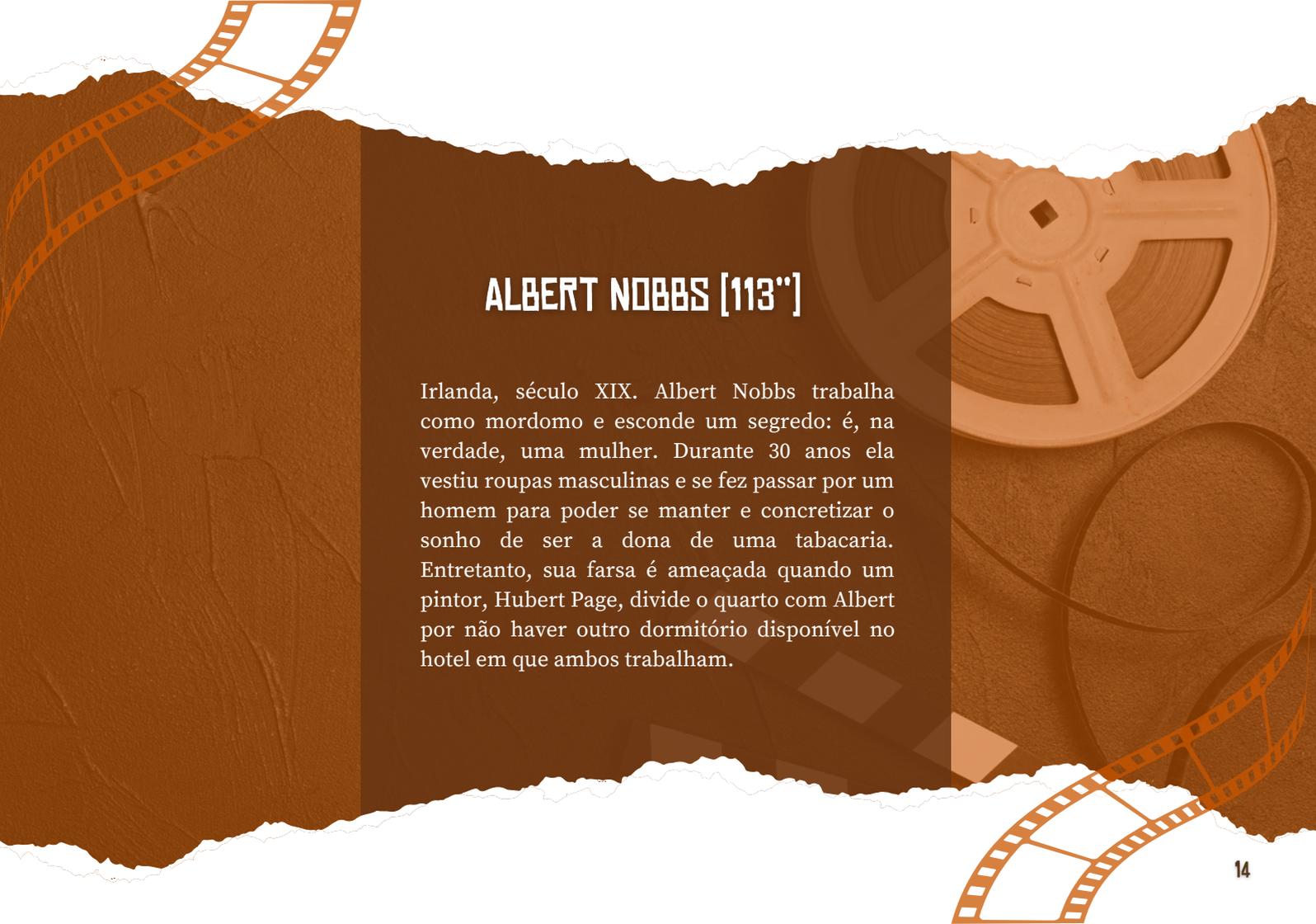
Assim, espera-se que algumas pessoas sejam mais calmas ou audaciosas, mais afetuosas ou mais agressivas, mais gentis e cooperativas ou mais competitivas. Quando essas características se vinculam ao gênero, temos uma cadeia de processos sociais. Há trabalhos mais “adequados” ao gênero: por exemplo, mulheres cuidariam melhor de crianças ou seriam melhores para trabalhos que exijam atenção a detalhes, enquanto homens teriam melhores condições para desenvolver trabalhos mais árduos, assim como mais responsabilidade com os trabalhos pagos, considerando que a responsabilidade de cuidar vincula as mulheres às casas e ao trabalho doméstico.

Os papéis de gênero contribuem para que determinados trabalhos e funções sejam associados a homens, como medicina e advocacia, enquanto as mulheres se associam a profissões como enfermagem e ensino infantil.

Alguns filmes para refletir sobre o que conversamos até aqui:

XXY [91"]

Alex nasceu com ambas as características sexuais. Tentando fugir dos médicos que desejam corrigir a ambiguidade genital da criança, seus pais a levam para um vilarejo no Uruguai. Eles estão convencidos de que uma cirurgia desse tipo seria uma violência ao corpo de Alex e, com isso, vivem isolados em uma casa nas dunas. Até que, um dia, a família recebe a visita de um casal de amigos, que leva consigo o filho adolescente. É quando Alex, que está com 15 anos, e o jovem, de 16, sentem-se atraídos um pelo outro.



ALBERT NOBBS [113"]

Irlanda, século XIX. Albert Nobbs trabalha como mordomo e esconde um segredo: é, na verdade, uma mulher. Durante 30 anos ela vestiu roupas masculinas e se fez passar por um homem para poder se manter e concretizar o sonho de ser a dona de uma tabacaria. Entretanto, sua farsa é ameaçada quando um pintor, Hubert Page, divide o quarto com Albert por não haver outro dormitório disponível no hotel em que ambos trabalham.



ACORDA RAIMUNDO [15'']

Raimundo tem um sonho e se vê no lugar de Marta, sendo obrigado a lavar, passar, organizar a casa e ainda é maltratado pela esposa, que assume papéis e privilégios masculinos.

3.4 ORIENTAÇÃO SEXUAL

“

“A orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas”.

”

Manual de comunicação LGBTI+, 2021.

Consideramos que existem quatro orientações sexuais preponderantes:

- **homossexualidade:** atração pelo mesmo gênero;
- **heterossexualidade:** atração pelo gênero oposto;
- **bissexualidade:** atração por ambos os gêneros;
- **assexualidade:** ausência total, parcial, condicional ou circunstancial de atração sexual por outra ou outras pessoas. A assexualidade reúne várias identidades, como a demissexualidade e a sapiosexualidade, dentre outras.

Por que não falamos opção ou escolha?

Quando falamos sobre desejo e sexualidade, é importante entender que ninguém “opta” ou “escolhe” conscientemente. A sexualidade, em sua diversidade, tem sido compreendida como uma “característica” dos indivíduos. Assim, contribua com o aprendizado de outras pessoas utilizando o termo correto: orientação sexual.

Após passarmos por esses conceitos básicos, vamos entendendo o lugar que as questões de gênero ocupam no dia a dia. A dimensão do gênero é compreendida como estruturante e utiliza os conceitos que visitamos até agora, mas também é importante lembrarmos que as reflexões sobre gênero, ao falarem de desigualdades, também falam de “privilégios”. Aqui precisamos pensar que homens e mulheres acessam “partes” diferentes do mundo.

Se dizemos que certas emoções, temperamentos e atitudes são mais adequados para um gênero ou outro, automaticamente criamos uma restrição que limita ou constrange as pessoas nos mais diferentes lugares e tempos de sua vida. Assim, os “privilégios” masculinos são também construídos em torno de “restrições” que podem ser dolorosas e causadoras de sofrimento para todas e todos socialmente.

É por isso que se compreende que a busca por equidade de gênero não fala apenas sobre enfrentar as desigualdades vivenciadas pelas mulheres, mas também sobre repensar como os homens são construídos socialmente, qual experiência de masculinidade está sendo produzida. Essa é uma reflexão importante a ser construída com os homens e tem sido uma estratégia vital para o enfrentamento ao machismo.

Aqui, ao falarmos de “machismo”, estamos discutindo as práticas que reforçam desigualdades: a afirmação da heteronormatividade (não reconhecer relações homoafetivas), a reivindicação dos papéis de gênero (afirmar atividades e comportamentos específicos para mulheres e homens) e o controle social sobre os corpos (pressão estética sobre os corpos).

O machismo contribui na construção da desigualdade e de violências específicas de gênero, sejam elas verbais, psicológicas, patrimoniais ou físicas, dentre outras.

Feminismos – São lutas por direitos e igualdade para as mulheres e contribuem para refletir sobre a diversidade e sobre a necessidade de outros modelos de masculinidades. Podemos pensar que um mundo com mais direitos contribui para a felicidade de todas, todos e todes. Direitos iguais, nem mais nem menos. É importante dizer também que, como todo movimento social, o feminismo é plural. O que significa que existem muitos caminhos e teorias diferentes dentro dos feminismos.



4. MANIFESTAÇÕES DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO: TREINANDO O OLHAR

O gênero orienta a forma como o mundo foi e é construído, influenciando como as pessoas são vistas, o que se espera delas e como se espera que se comportem. Outra questão importante quanto ao gênero é a compreensão de “complementariedade”, ou seja, algumas diferenças serviriam para organizar melhor o cotidiano e potencializar a vida coletiva. No entanto, quando essa complementariedade é associada ao gênero, ocorre uma desvalorização constante do que é atribuído às mulheres. A divisão social do trabalho que podemos observar tanto nos espaços urbanos quanto nos rurais nos fala sobre isso:

“a divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o da **separação** (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da **hierarquização** (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher). Eles são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço.”

Danièle Kergoat, **Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo.**

A divisão do trabalho a partir do gênero tem sido fundamentada nesses dois princípios organizadores apresentados pela Danièle: a separação e a hierarquização. Assim, vemos uma “naturalização” em nosso dia a dia quando:

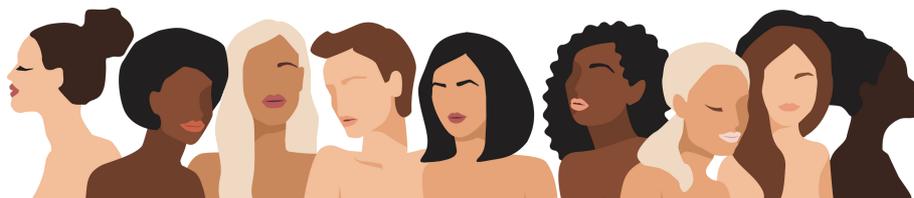
1. se atribuem as tarefas domésticas às mulheres, mesmo que elas tenham outro trabalho;
2. se espera que os cuidados com crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência sejam prioritariamente realizados pelas mulheres;
3. se consideram os homens os principais provedores e chefes de família;
4. associamos determinados trabalhos a homens, como advogado e médico, além de vermos sua maior presença em cargos públicos como gestores e políticos eleitos, e, em contrapartida, associamos profissões como enfermagem, secretaria e professora do ensino infantil às mulheres.

Na propriedade rural, veremos os homens como principais proprietários. Segundo o Censo Agropecuário de 2017, dos 5.073.324 estabelecimentos agropecuários no Brasil, 4.110.450 (81%) estão sob coordenação masculina e 946.075 (18,6%) se encontram sob coordenação de mulheres. Em 16.799 não se tem identificação do gênero da pessoa responsável pela propriedade. No Pará, dos 281.699 estabelecimentos rurais, 223.955 (79,5%) estão sob coordenação masculina e 57.473 (20,4%), de mulheres, enquanto 271 não têm gênero informado. É importante destacar que estamos discutindo apenas unidades rurais – sem observarmos os hectares, que poderiam revelar mais sobre a concentração de terras quando observado o gênero.

Para nossos objetivos, interessa pensar como essa presença majoritária de produtores masculinos repercute no trabalho das técnicas e dos técnicos de Ater. Vamos pensar a seguir alguns elementos que constroem esse contexto da experiência das pessoas no campo, considerando a vivência na casa e na propriedade rural.

Socialização, amizades, rede de solidariedade – As experiências das ruralidades estabelecem a família como o espaço de mais convivência – as distâncias, a menor estrutura para o deslocamento e os poucos espaços de lazer e socialização reduzem a convivência com outras pessoas. Os deslocamentos prioritários, em geral, são dos homens, que vão a reuniões e fazem compras e vendas de produtos.

Trabalho – Nas propriedades rurais, vemos geralmente a “separação” dos trabalhos com maior ênfase. A casa, o jardim, o pomar, a horta e os cuidados com os pequenos animais, em geral, são atribuições ou tarefas das mulheres; assim, o trabalho doméstico e de cuidado acaba sendo identificado como das mulheres. A roça e as plantações perenes e permanentes são, em geral, vistas como responsabilidades dos homens. Nessa divisão também é importante considerar que o trabalho que consegue se traduzir em “renda”, em razão da venda da produção, está sob a responsabilidade dos homens.



“Eu ajudo ele na roça e ele me ajuda aqui em casa” – essa é uma frase que costumamos escutar nas atividades com mulheres no campo, e ela traz questões importantes: lembra que há espaços de responsabilidade de mulheres ou de homens e revela que ambos participam nos trabalhos associados a cada gênero. “Ajudar” expressa a ideia de que aquele trabalho não é dele ou dela, mas que o apoiam em determinados momentos.

Acesso a serviços e direitos – É um desafio nos espaços rurais o acesso a internet, água tratada, transporte e vias para deslocamento, saúde, aposentadoria e benefícios como a licença-maternidade, dentre outros serviços. Outra face desse problema é a indocumentação (falta de certidão de nascimento, RG, CPF, título de eleitor...), que, no Brasil, atinge cerca de 3 milhões de pessoas.

Conhecer o contexto contribui para falarmos da importância do trabalho da técnica e do técnico de Ater que atua nas propriedades junto às famílias. As relações nas famílias rurais são marcadas por lógicas de poder e autoridade. **Socialização, amizades, rede de solidariedade, divisão do trabalho e acesso a serviços e direitos, dentre outras condições, contribuem para desigualdades de direitos** estabelecendo maior pressão nas mulheres para que possam ter autonomia e condições de participação nas decisões que as afetam no cotidiano da lida no campo.

As mulheres rurais são mais vulneráveis a diversas expressões de violência: doméstica, sexual e patrimonial, dentre outras. Em muitos casos, existe uma grande distância entre a moradia das mulheres e pessoas ou instituições de apoio (vizinhos, parentes, delegacia da mulher, polícia). Essas condições são agravadas pela menor presença do Estado nessas regiões, e o apoio às mulheres vítimas de violência pode ser quase inexistente.



Nas visitas às propriedades rurais, muitas vezes você pode reparar que a participação das mulheres geralmente é menor em espaços mistos. Em algumas reuniões, mesmo quando convidadas a falar, a resposta geralmente é “eu não tenho nada a dizer”. Aqui, vamos entendendo que as mulheres não necessariamente nasceram tímidas e que elas têm, sim, muito a dizer. Mas muitas delas passaram muito tempo acreditando que seus saberes não tinham importância, então é importante pensar estratégias para facilitar a participação e valorizar seus conhecimentos.



5. VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. O QUE FAZER?

Em briga de marido e mulher... se mete a colher sim! Essa é a orientação de todos os órgãos responsáveis ou especializados no assunto, como o Ministério Público, a Polícia Militar e diversas organizações da sociedade civil, como o Instituto Maria da Penha e o Instituto Geledés.

E por que essa orientação?

O Instituto Maria da Penha apresenta o ciclo da violência doméstica, estruturado pela psicóloga Lenore Walker, considerando agressões cometidas em um contexto conjugal dentro de um ciclo que é constantemente repetido.



Esse ciclo seria composto por três fases principais:

Aumento da tensão – O agressor demonstra-se irritado por situações corriqueiras e mínimas, sendo esta fase marcada por humilhações e ameaças. A mulher tenta evitar comportamentos que possam dar início ou aumentar os acessos de raiva do agressor. A vítima acredita que existe uma justificativa para o comportamento agressivo do companheiro e esconde esse fato de outras pessoas. Esta fase, que pode durar dias ou anos, normalmente leva à fase 2.

Ato de violência – Esta fase corresponde à explosão por parte do agressor, que pratica violência, a qual pode ser física, verbal, psicológica, moral ou patrimonial. A vítima sente-se impotente e experimenta sentimentos diferentes: vergonha, raiva, medo, solidão. Ela pode tomar algumas decisões nesse momento, como pedir ajuda, sair de casa, pedir o divórcio, fazer a denúncia – em geral, ela afasta-se do agressor.

Arrependimento e comportamento carinhoso – É a fase em que o agressor vai demonstrar arrependimento e se comprometer com uma mudança. Quando a vítima constata que existem esforços da sua parte e expressões de remorso, ela sente-se confusa, por vezes preocupada em manter o relacionamento e, se tem filhos, considera também as condições financeiras para sua subsistência. Os sentimentos podem ser diversos, marcados por confusão, culpa e desejo de que a situação melhore. Em geral, o ciclo recomeça, retornando às agressões da fase 1.



Lei Maria da Penha

A Lei 11.340, publicada em 7 de agosto de 2006, ficou conhecida como “Lei Maria da Penha” em homenagem à farmacêutica Maria da Penha, que sofreu várias tentativas de assassinato por parte de seu marido – ela tornou-se paraplégica por um tiro de espingarda. Sua história foi denunciada internacionalmente, levando à condenação do Estado brasileiro por omissão e negligência pela Corte Interamericana de Direitos Humanos. A lei Maria da Penha contribuiu para tipificar os tipos de violência contra as mulheres e criar os Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher



Companheira me
ajude que eu não posso
andar so.

Eu sozinha ando bem
Mas com você ando
melhor.

Canais oferecidos pelo governo:

Central de Atendimento à Mulher – Dique 180

Serviço oferecido pelo governo federal.

A denúncia é anônima e gratuita, disponível 24 horas, em todo o país, a partir de qualquer telefone (inclusive orelhão). Registra e encaminha denúncias, reclamações e sugestões. Orienta sobre os serviços da rede de atendimento à mulher, Delegacia de Atendimento à Mulher (Deam), defensoria pública, centros de referência, assim como orienta as mulheres sobre seus direitos e a legislação vigente.



Disque Direitos Humanos – Disque 100 ou app Direitos Humanos Brasil

Serviço oferecido pelo governo federal.

Atende situações de violações que acabaram de ocorrer ou que ainda estão em curso, recebe denúncias anônimas 24h por dia, todos os dias. A ligação é gratuita. O aplicativo é disponível nas versões Android e IOS, permitindo que a denúncia seja realizada por escrito ou por vídeo – para pessoas que se comunicam através da língua brasileira de sinais (Libras).

Emergência policial – 190 ou app 190 PR

Polícia Militar
Este meio deve ser utilizado para realizar denúncias de situações que exijam atendimento imediato ou socorro rápido.



Canais oferecidos pela sociedade civil organizada:

Mapa do acolhimento – <https://www.mapadoacolhimento.org>

Serviço oferecido pelo Nossas, organização sem fins lucrativos comprometida com o fortalecimento da democracia, da justiça social e da igualdade.

Plataforma que conecta mulheres que sofrem ou sofreram violência de gênero a uma rede de psicólogas e advogadas dispostas a ajudá-las de forma voluntária em todo o Brasil.

A plataforma também possui um mapa de serviços públicos de atendimento à mulher.

Justiceiras – <https://justiceiras.org.br>

Serviço oferecido pelo Instituto Justiça de Saia, Instituto Nelson Wilians e Bem Querer Mulher.

A plataforma oferece orientação jurídica, psicológica, socioassistencial, médica, rede de apoio e acolhimento gratuita e on-line.



PenhaS - <https://azmina.com.br/projetos/penhas>

Serviço oferecido por Azmina, um veículo jornalístico focado na cobertura de temas diversos com recorte de gênero. É um aplicativo disponível nas versões Android e IOS que se propõe a contribuir com informação, acolhimento e pedido de ajuda. Também informa mapa de delegacias e serviços de atendimento a mulheres em situação de violência.



No dia a dia do seu trabalho, existem algumas dicas de como observar as relações de gênero e identificar potenciais de atuação ou problemas do projeto.

NAS VISITAS TÉCNICAS

- **Onde estão e o que fazem as mulheres nas propriedades?**

É sempre bom estar atento: as atividades das mulheres são muitas vezes desvalorizadas; como se pode fortalecer o que elas fazem e como o que elas fazem contribui com todos os demais trabalhos?

- **Como os outros membros da família (sobretudo os homens) se dirigem às mulheres?**

A forma pela qual a família trata as mulheres diz muito sobre o papel delas na família e sobre como elas próprias se enxergam. Estar atento a isso te ajuda a saber quais assuntos abordar (e, às vezes, quais evitar). Além disso, às vezes, é possível identificar alguns tipos de violência nessas falas.

- **Existem diferenças no comportamento das mulheres quando elas estão sozinhas ou apenas entre mulheres?**

Normalmente, quem consegue fazer essa observação é uma mulher (e por isso é tão importante que a equipe da Ater tenha mulheres também). Muitas vezes, as mulheres se sentem mais à vontade para se expressar ou abordar determinados assuntos quando não estão com homens.

- **Quais são os assuntos que eu discuto com cada membro da família? Eles reforçam estereótipos de gênero?**

É importante lembrar do seu papel como técnico ou técnica de Ater. Todos vivemos nessa sociedade, e ninguém está livre de reproduzir certos comportamentos que reforçam preconceitos, estereótipos ou mesmo violências. Sobre o que você fala quando encontra o homem da propriedade? E as mulheres? Se você fala com os jovens e as crianças, os assuntos são os mesmos se são meninos ou meninas?

NAS REUNIÕES

- **Como as mulheres se comportam nas reuniões?**

Elas se manifestam? Se sim, em quais momentos? Sobre quais assuntos? Essas observações podem te ajudar a escolher o momento ou assunto para pedir a participação das mulheres.

- **Como a equipe do projeto e os outros participantes da reunião se comportam quando um homem fala? E quando uma mulher fala?**

Essa é outra informação importante, que te ajuda a saber como você pode ajudar a diminuir as desigualdades. Se reparar que, quando alguma mulher fala, as pessoas mantêm conversas paralelas, a interrompem ou prestam menos atenção, você pode intervir, chamar a atenção e tudo o mais.

- **Quem é responsável pela alimentação da reunião?**

Se a reunião é na Unidade Demonstrativa e quem faz a comida é exclusivamente a mulher, qual exemplo o projeto está dando sobre papéis de gênero? Você não precisa ter a resposta para solucionar esse problema, mas você tem a responsabilidade de torná-lo um problema de todo mundo – da equipe do projeto, dos participantes da reunião e da comunidade.

- **Quem é responsável pelas crianças que podem estar presentes na reunião?**

A lógica é a mesma da observação anterior. Se a reunião é acessível para as crianças, quem vai se ocupar delas? Existem estereótipos de gênero que estão sendo reproduzidos aqui?

Nunca fale por outra pessoa nem explique o que você acha que ela estava tentando dizer. Basta chamar a atenção das pessoas para o fato de que há alguém falando, pedir respeito e atenção.

SUGESTÕES DE PEQUENAS ATIVIDADES PRÁTICAS PARA INTEGRAR O RESTO DA FAMÍLIA NO ATENDIMENTO TÉCNICO

- Perguntar aos agricultores como seria para o homem a gestão e organização da propriedade rural se não houvesse a presença da mulher.
- Conversar com os homens sobre a vantagem financeira da participação da mulher na gestão da propriedade, incentivando assim uma gestão integrada e promovendo diversos benefícios, com redução de custos com a produção de alimento na horta e galinheiro, além da possibilidade de melhor gestão financeira da produção a partir dos registros de atividades e fluxos financeiros e de produtos.





- Incentivar a participação das mulheres em grupos, eventos, movimentos sociais, encontros. Mesmo que você não perceba, as provocações, conversas e sugestões recebidas por vocês têm impacto e influência imensos na vida dos beneficiários do projeto.
- Quando escutar que alguma coisa é “coisa de homem” ou que algo “mulher não pode ou não deve fazer”, sempre pergunte: Por quê? Como assim? Quando pedimos para as pessoas explicarem esses pontos de vista, elas param para pensar sobre eles e algumas vezes podem perceber que o argumento não é consistente.
- Sempre use a escuta como ferramenta de trabalho. Escute sem interromper e garanta que as escutas estejam sendo realizadas em espaço seguro. Às vezes, para construir essa segurança precisa haver privacidade e acolhimento para quem está compartilhando as questões com você.

- Às vezes, o **silêncio** é uma ferramenta de intervenção. Pense em como utilizá-lo. Saiba que, muitas vezes, o silêncio pode ser bastante desconfortável, mas que ele pode permitir reflexões muito importantes.
- Compartilhe seu conhecimento sobre gênero de maneira leve e sem embate. A mesma praticidade das orientações técnicas do cultivo do cacau que você faz nas suas atividades pode e deve ser utilizada para as questões de gênero.
- Saiba quais são as diretrizes de gênero do projeto de que você faz parte. É sempre importante comunicar que seu comportamento tem um respaldo institucional do projeto e dos financiadores. A comunidade deve saber que fortalecer a participação de mulheres e o fortalecimento de suas lideranças deve ser um objetivo do projeto, e não seu individualmente.



- Ao saber que temos um lugar de privilégio e que outros estão em situação mais vulnerável, pode ser interessante usarmos nosso poder para dar voz e espaço para outros atores. Exerça sua humildade. Ceda espaço e prestigie a atuação de pessoas mais vulneráveis. Recuse o papel de protagonista quando estiver acompanhado por mulheres, ceda a voz, o espaço e a fala para que elas possam ocupar novos espaços.
- Convide os homens para a reflexão frequentemente. A luta contra as desigualdades e opressões de gênero é protagonizada pelas mulheres, mas deve ser responsabilidade de todos.

- Exerça a empatia e tente sentir a dor do outro; assim você poderá vivenciar um pouco mais as dores que não são suas.
- Utilize o **retorno** como ferramenta. Quando algo lhe soar estranho ou incompatível, busque uma boa forma de falar sobre isso com a pessoa. Explique o que te faz achar estranha a ideia.



APOIADORES



humanize

